

Informativo da Agricultura Familiar

O manejo da caatinga: a experiência da família de Antônio Bento

A maniçoba pode ser dada aos animais fenada ou em farelo. E o farelo a ração preferida pela família. Antônio ensina que os galhos de maniçoba devem ser cortados na grossura de até um cabo de enxada. Passam na forrageira, e é então colocada num calçadão ou lona para secar durante 2 horas ao sol. Vira-se o farelo e deixa secar por mais duras horas. Deixa esfriar para ensacar. Antônio Bento conta que depois desse processo o farelo ainda não está totalmente seco, mas ele já perdeu todo o veneno.

Eles utilizam 4 quilos de maniçoba para cada rês. Antônio Bento garante que essa é uma ração rica em proteína, um vermífugo eficiente, além de ajudar a matar piolho e carrapatos.

Macambira

Antônio conta que quando comprou suas terras em 1990, o recurso só deu para a compra, escrituração e uma parte do arame. Mas no Cariri, quem tem uma cerca de 3 ou 4 fios de arame praticamente não tem cerca. A solução que encontrou foi a construção de uma valeta que preencheu de macambira, planta muito comum em seu terreno. Acredita ter feito uma cerca muito eficiente que não deixa passar nem cachorro, nem peba. Plantou a fiação da macambira de dezembro para janeiro e no derradeiro dia já estava chovendo. Não perdeu uma muda sequer. Prefere utilizar a fiação porque demora mais a penduar, ficando mais tempo viva.



A cerca torna-se uma importante reserva de ração. Para usar a macambira, Antônio leva as plantas para um aceiro, estrada ou lajedo. Corta suas folhas ou queima umas 200 cabeças para 20 reses. Joga na boca de moer

capim ou na máquina de palma. As cabeças ficam bem fofas e o gado come tudo. Aqueles animais que comem macambira não precisam de torta.



Informativo da Agricultura Familiar

O manejo da caatinga: a experiência da família de Antônio Bento



Antônio Bento é agricultor e desde 1990, mora com sua família no Sítio Lajedo de Timbaúba em Soledade. Ele é casado com Socorro e possui uma família grande. A família cria gado, cabras, ovelhas, porcos, galinhas e guiné. Eles trabalham unidos para produzir alimento para a casa e para os animais. Possuem muitas experiências, mas vamos falar de três delas: o trabalho que fazem no cercado dos animais com a caatinga, o uso da maniçoba como ração e a cerca que fez com a macambira e que também é uma reserva de ração.

Manejo da Caatinga

Em suas terras, a família de Antônio Bento possui uma área de 23 hectares onde eles conservam e fazem o melhoramento da caatinga. Quando chegou ao Cariri e comprou as terras em 1992, a área do cercado era completamente fechada por marmeleiro. Passou a observar que tanto em suas terras quanto na dos vizinhos, o gado que se alimentava em áreas como estas ficava magro. Observou também que quando tinha mais qualidade de plantas os animais ficavam melhores. Então, começou a cortar o marmeleiro para desabafar a terra. Mas ele cortava no verão e quando chegava o inverno, aí que ele crescia novamente e com muita força. Foi quando, numa visita de intercâmbio, seu Antônio Bento conheceu a experiência do professor Ambrósio lá em Sobral, no Ceará. Com o professor, Antônio aperfeiçoou a técnica que chama de raleamento. Ou seja, diminuir a quantidade de árvore que abafa a terra, criando



espaços na mata que podem receber a luz do sol. Quando chove, Antônio explica que nestas áreas empasta melhor do que nas outras. Nestes espaços crescem vários tipos de capins: o de seda, pé de pato e o capim de roça. Quando desabafa a terra, nascem ainda várias qualidades de feijão de rolinha e outras plantas que ele chama de leguminosa, aquelas que dão bagens. Antônio Bento costuma dizer que essas leguminosas são mais necessárias para os animais que o capim. Elas contêm muitas proteínas.



Informativo da Agricultura Familiar

O manejo da caatinga: a experiência da família de Antônio Bento

Mas, Antônio não faz só o raleamento da mata, ele faz também o enriquecimento. É assim: a cada área de 10 metros quadrados que tira de marmeleiro, planta um pé de outra árvore. Escolhe aqueles cantos mais protegidos para plantar a areoira, feijão bravo, mororó, jucá, angico forrageiro, umbuzeiro, maniçoba e muitas outras plantas. Ele sempre tira as mudas que nascem no roçado e leva para o cercado, ou ainda, faz e planta, mudas e estacas. Enriquece o cercado também com as plantas de espinho. Planta sempre o facheiro, cardeiro, macambira.



Antônio Bento ainda aprendeu uma terceira técnica, o rebaixamento. Ele corta, por exemplo, o topo da jurema para rebrotar muitos galhos. É também para deixar entrar mais luz do sol na área da mata, e ainda facilita para os animais comerem aquela planta. Os galhos ficam mais baixos e portanto mais fáceis de comer.

A família possui uma área de 1 hectare toda cercada e que não deixa entrar nenhum animal. Essa área é chamada por Antônio de banco de sementes. Ela é que vai produzir e mandar as sementes para o cercado.

Segundo Antônio Bento, para criar é melhor ter um hectare de terra boa do que 10 de terra ruim. Uma qualidade só de planta não é boa para os animais. Tem que ter variedade de plantas. Por isso, a família trabalha duro no cercado para melhorar sua caatinga. Antes eles colocavam uma reses por hectare e depois deste trabalho as contas mudaram. Pode colocar 3 reses no mesmo hectare.

Os animais da família são soltos na área do cercado durante todo o inverno. Quando chega o verão, eles são levados para pastar na área do roçado, aproveitando os restos de cultura e comem também algumas plantas verdes que ainda se mantêm nesta área. Antônio Bento ensina que essa época é importante para estrumar a terra.

Nos momentos críticos de seca, a família utiliza as plantas de espinho que tiram do cercado e fazem o farelão. Sempre cortam com muito cuidado para preservar a planta e não deixar que ela morra. Por exemplo, para tirar o cardeiro, Antônio diz que temos que tirar aqueles galhos que saem ao lado do varão. E ainda temos que cortar acima da forquilha para que saiam novos olhos. Quando tira a macambira, de 10 plantas tira sempre 7 e deixa três. Assim sempre temos uma reserva para o futuro e não acabamos com a planta, ensina Antônio Bento.



Informativo da Agricultura Familiar

O manejo da caatinga: a experiência da família de Antônio Bento



Para fazer o farelão, ele sempre mistura o facheiro ou o cardeiro com a macambira. Primeiro tira os espinhos e depois passa na máquina forrageira. Ele dá o farelão às 11 horas e no final da tarde dá a palma aos animais.

Durante a seca, a família ainda recolhe as folhas secas do pereiro, juazeiro, maniçoba, catingueira, aroeira, baraúna e outras plantas do cercado e levam para o cocho. Vejam quanta utilidade tem a área do cercado.

Maniçoba

Muitos conhecem a maniçoba por ser uma planta muito tóxica. Capaz de matar os animais.

Mas, em 1997, um ano de muita seca, quando o povo do Cariri já tinha perdido quase todo seu gado. Foi também a época em que a família de Antônio Bento conheceu um jeito diferente de preparar uma ração forte a base de maniçoba. A motivação veio de uma viagem ao Projeto CAATINGA, em Pernambuco, e através de uma explicação do técnico da EMATER.



Um pouco desconfiado, Antônio passou a usar o farelo de maniçoba aos poucos. Oferecia meio quilo de farelo junto com o resíduo. Viu que o gado não passou mal. E aos poucos, passou então a aumentar a quantidade até substituir o resíduo. Começou a observar que suas vacas foram melhorando, afinando o pêlo, a produção de leite se manteve. E hoje, Antônio nos diz que se não fosse a maniçoba, ele estaria trabalhando de empregado.

Os vizinhos que antes o chamava de maluco, já estão utilizando aos poucos o farelo da maniçoba. A curiosidade de seus vizinhos veio da observação de que o gado da família mantinha-se sempre gordo, mesmo na época da seca. E hoje, quando os vizinhos procuram informações, Antônio sempre ajuda, diz que quer que eles vivam! Esses vizinhos passaram então a conservar e usar aquilo que antes era considerado praga.



Antônio Bento, além de usar a maniçoba da natureza, planta. Em sua experiência observou que a melhor forma de plantar a maniçoba é através de sementes. Quando a semente estala no chão, já está seca e na hora certa de plantar. Ele cava covinhas dentro do cercado e planta. Depois da primeira chuva, as mudinhas nascem 40 a 60 dias depois de plantadas.